

## CORPO E EROTISMO EM *ADOLESCENTE* DE ANTÔNIO BOTTO<sup>1</sup>

Por Rodrigo Corrêa Martins Machado<sup>2</sup>

Gerson Luiz Roani<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

O destino de uma arte está ligado, de um lado, a seus meios materiais; de outro lado, aos espíritos que possam se interessar por ela e que encontrem aí satisfação de uma necessidade verdadeira.

Paul Valéry<sup>4</sup>

O período literário a que vários historiadores da literatura e a que comumente chamamos Modernismo compreende, na Europa, os movimentos literários que se sucederam ao Simbolismo. Esses movimentos receberam variadas nomeações como: Cubismo, dadaísmo, futurismo, expressionismo, unanismo, surrealismo, dentre outros.

O impulso de renovação artística proporcionado pelas ideias modernistas se deu como uma verdadeira erupção em toda Europa do século XX, os locais que entraram em contato com tais ideias tiveram em comum a criação de formas artísticas que condiziam com o universo da mecanização e a problemática da sociedade moderna. A cidade foi a responsável por dar novos contornos na maneira pela qual o sujeito se relaciona com o mundo objetivo, neste novo momento, através do mergulho na subjetividade. A modernidade surge como uma possibilidade de o poeta transpor para o plano poético tudo de artificial, grotesco e feio que a cidade em veloz transformação pode oferecer ao artista (CARA, 1986).

Anteriormente ao processo de renovação na Lírica e na arte em geral que, para Hugo Friedrich (1991) se deu após a segunda metade do século XIX, a poesia se achava em posição de ressonância da sociedade, que apontava como quadro ideal e idealizante situações cotidianas. Após o início de tal renovação, a poesia veio colocar-se em posição opositora à sociedade, que se preocupava com a segurança econômica, decifração científica do universo e pela “ausência de poesia” (FRIEDRICH, 1991, p: 20).

A partir deste momento, a liberdade transbordou no plano poético, o inconsciente foi privilegiado. Conseqüentemente, a forma de se produzir a lírica também foi modificada, o poeta privilegiou a “desorientação, dissolução do que é corrente, ordem sacrificada, incoerência, fragmentação, reversibilidade, poesia despoetizada, lampejos destrutivos, imagens cortantes,

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte de monografia de graduação.

<sup>2</sup> Mestrando em Letras pelo programa de pós-graduação em Letras; Universidade Federal de Viçosa; UFV. Endereço eletrônico: rodrigo.c.machado@ufv.br

<sup>3</sup> Orientador. Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS, Professor Adjunto de Literatura do Departamento de Letras; Universidade Federal de Viçosa; UFV. Endereço eletrônico: roani@ufv.br

<sup>4</sup> cf. VALÉRY, Paul. *Variedades*. 3ª reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 2007, p: 177.

repentinidade brutal, deslocamento, modo de ver astigmático, estranhamento” (FRIEDRICH, 1991, p: 22).

A unidade estrutural da poesia moderna é estendida, por Hugo Friedrich (1991), a toda arte em geral, devido aos interesses e mudanças que trilharam caminhos semelhantes. Desta maneira, se explicam os pontos de semelhança e intersecção entre lírica, pintura e música.

A poesia moderna em geral foi dotada de liberdade, que possibilitou que todos os assuntos pudessem ser poetizados, sem limitação alguma. A nova lírica “Extraí o nunca percebido das coisas mais imponentes como das mais triviais, transformando-o em surpresa irritante” e em novas manifestações de alegria dolorosas de se suportar (FRIEDRICH, 1991, p: 148). Elementos pertencentes à modernidade emergente também são passíveis de serem retratados, como fábricas, telefone, carro, entre outros.

O principal dos pontos de renovação para os quais os artistas se voltaram no Modernismo é a linguagem, que foi a responsável pela realização dos anseios modernistas. Através dela que as mudanças, principalmente estéticas, bem como conteúdos, motivos e técnicas pretendidas pelos diversos autores e movimentos, tiveram possibilidades de realização.

Em Portugal, as ideias modernistas não diferiram em relação ao restante da Europa. Isso devido, principalmente, ao grupo que organizou a revista *Orpheu*, formado por jovens, que viveram de alguma forma o Modernismo francês e europeu em geral, com destaque para Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Este grupo trouxe as novidades literárias a Portugal, juntamente com os ideais das escolas modernistas, dentre os quais se destaca o futurismo, que pregava o rompimento do passado, elogio do novo mundo industrial e cultural (SARAIVA & LOPES, 2005).

O grupo de *Orpheu* buscou adaptar a nova manifestação cultural europeia nascente, à História, à sociedade e à identidade portuguesa. E em 1915 houve o lançamento do primeiro número dessa revista, com intuito de, através dela, concretizar os ideais estéticos em consonância com o restante da Europa. Esse número da revista, juntamente com o seguinte – já que o terceiro não foi publicado devido ao suicídio de seu mantenedor, Sá-Carneiro - causaram verdadeiros escândalos e reviravoltas nos meios intelectuais portugueses, culminando em mudanças literárias e culturais, as quais os rapazes preconizavam.

Dentre os jovens que aderiram ao movimento modernista em Portugal, destacamos António Botto. Este poeta, um pouco silenciado e esquecido na contemporaneidade, foi uma figura importantíssima para o modernismo português, uma vez que sua poesia caracteristicamente moderna ficou conhecida pelo caráter arrojado e inovador da maneira de se fazer poemas e dos temas utilizados.

No tocante à produção artística modernista de Botto, devemos considerar que a obra deste autor já foi alvo de investigações críticas que se configuram hoje como obrigatórias e indispensáveis para pesquisas que se dedicam à sua lírica. As reflexões mais importantes sobre a poética de Botto ainda são as de José Régio (1978) e as de Fernando Pessoa (1980). O primeiro sublinha que o poeta autor de *Canções* canta em seus poemas o amor de maneira totalmente original, através da sensualidade, enquanto o segundo aponta como decisiva a contribuição escritural de António Botto para “uma das revelações mais raras e perfeitas do ideal estético, que

se podem imaginar” (PESSOA, 1980, p: 12). Estes contributos trazem consigo fundamentais inovações temáticas, ideológicas e formais, que, para Fernando Pessoa (1941), influenciaram toda moderna poesia portuguesa.

Em conformidade com José Régio (1978), a vida e a obra de Botto são traduzidas pela mais extrema representação da emoção. Ele deixa falar à humanidade o que encerra dentro de si e transparece em sua lírica o ser humano em suas maiores fraquezas. O tema que ele elegeu para seus poemas é inegavelmente o amor, seja o amor pela beleza, por si mesmo ou pelo outro. Esse tema é tratado de maneira entusiástica, sentimental, impulsiva e extremamente imaginativa, com um acréscimo significativo de sensualidade. Não se pode negar também que o prazer, a volúpia são entremeados à inteligência criativa do poeta.

Fernando Pessoa (1980, p: 13), contribui para a discussão a respeito do amor em António Botto, quando aponta que este sentimento na lírica bottiana surge da inspiração marcada pela beleza física e pelo prazer. Desta maneira “O esteta canta de preferência o corpo masculino por ser o corpo humano que mais elementos de beleza, dos poucos que há, pode acumular”.

É possível ler a obra de António Botto em função de pelo menos duas grandes tendências que a aproximam da tonalidade do Modernismo. A primeira é a libertação da fantasia e do sonho, a partir da qual o poeta dá vazão às suas idéias, desejos, anseios e sentimentos e traz à tona um tema proibido até o momento: a homossexualidade; A segunda, liberdade dos versos com utilização do ritmo, da imagem e da música para dar contornos à poesia, o que é visível em seus poemas, uma vez que estes elementos são os grandes responsáveis pela riqueza emotiva e expressiva da lírica de Botto.

A linguagem bottiana também é um tanto peculiar à sua escrita, pois ele, em grande parte de suas composições líricas, utiliza de estruturas simplistas, palavras também simples, que, no entanto, encerram em si um significado forte.

Objetivamos neste trabalho realizar uma leitura, através dos preceitos de Erotismo apresentados por Georges Bataille, dos poemas bottianos presentes em *Adolescente*, um dos doze livros que compõem *As canções de António Botto*.

### **Erotismo e sensualidade em *Adolescente***

Ao refletirmos a respeito do corpo, do erotismo e sensualidade exalados pelos corpos em *Adolescente*, devemos ter em mente inicialmente que o corpo, segundo José Gil (1997, p: 35), um elemento que funciona como uma *infralíngua*, ou seja, possui a capacidade de traduzir os signos que nos envia e, ao mesmo tempo, revela que trazemos em nós um transdutor de signos. Como *infralíngua*, “o corpo não fala, faz falar, (...), fornece à linguagem uma língua virtual e muda, uma estrutura potencial que permite passar do nível do significado ao nível dos significantes”. Os principais elementos para a nomeação do corpo como *infralíngua* são a plasticidade, mobilidade e capacidade de designar a si próprio.

A partir das considerações elaboradas por José Gil (1997), podemos, de início, afirmar que em *Adolescente*, muitas vezes, nos esbarraremos com um corpo físico (e poético) que não fala, faz falar. As descrições acerca da estrutura corporal do eu lírico são suficientes para traduzir seus

sentimentos e paixões diante do mundo que o rodeia. O corpo, enquanto elemento físico, terá em si a inscrição-sedimentação da linguagem verbal, sendo esta muitas vezes quase que desnecessária para o alcance do significado almejado.

Para que possamos analisar o corpo que ama (sujeito poético) em *Adolescente*, devemos também considerar que nos deparamos, ao longo da leitura da obra em análise, com um jovem que está em um processo de amadurecimento, de crescimento, de autoconhecimento e que, para se conhecer, lança-se no contato com os corpos amados, a fim de que através do Outro conheça-se cada vez mais. Para o desenvolvimento deste jovem serão imprescindíveis os jogos amorosos, seduzir e ser seduzido pelo Outro, erotismo e sensualidade, pois, estes elementos são os grandes responsáveis pelo frêmito e pelo se entregar dos corpos

Este jovem sofre as metamorfoses corporais inerentes ao ato de “adolescer” que traz consigo encruzilhadas, dúvidas, que predispõe a busca pelo auto-conhecimento, um estágio intermediário, de passagem da infância à fase adulta. Neste estágio da vida humana, o amor figura dentre as principais problemáticas, permite que os jovens se entreguem avassaladoramente ao desejo, ao amor e ao sexo.

O jovem de Botto realmente se entrega aos prazeres carnavais de maneira um tanto alvoroçada, não possui pudores, medos de se embrenhar em caminhos desconhecidos, seu lema é deixar-se levar pela volúpia, porém, ao mesmo tempo há que se ter em mente que o que ele faz é com intuito de se conhecer. Por outro lado, este mesmo jovem, entregue aos prazeres, é extremamente racional, após viver desilusões de amor, após conhecer um pouco mais a si e ao mundo, depara-se com a razão, a ponto de se preocupar somente com a beleza do outro e com prazer que este possa lhe proporcionar.

Chegamos ao ponto desejado, ou melhor, no termo/conceito desejado: BELEZA. O próprio intuito de António Botto ao escrever sua poesia lírica é de alguma maneira tornar o mundo mais belo, como nos diz Fernando Pessoa (1980, p.9): “[...] porque a obra de arte, uma vez feita, constitui beleza objectiva, beleza acrescentada à que há no mundo. Para que essa actividade lembre e preocupe, é mister haver um critério objectivo de beleza ou de perfeição”. Para tanto, ele versará sobre a beleza, a masculina, sobre os atributos do corpo masculino que o fazem tão belo.

Muitos poemas de *Adolescente* soam como um verdadeiro hino aos corpos amados, as descrições feitas destes são extremamente imagéticas e quase reais. Os adjetivos, as comparações, as descrições das partes que compõem o corpo viril conseguem minimamente estabelecer uma relação entre leitor, texto e matéria textualizada. O poeta, ao criar tais produções líricas, se preocupou em retratar o sublime, o belo que consegue comover seus leitores.

Estes corpos másculos são retratados com requintes de sensualidade e erotismo. O erotismo é responsável pelos corpos amados despertarem, conseguirem fazer com que o eu lírico vença a sedução narcísica de sua imagem e parta para o encontro amoroso com o Outro.

O erotismo do corpo amado é o elemento chave na relação eu-lírico - corpos amados e para que possamos analisar este elemento nos poemas de *Adolescente* devemos evocar o estudo de Georges Bataille (2004) acerca do erotismo.

Caroline Hermes afirma (2008) que o erotismo é desejado pelo sujeito poético como construção de um caminho em direção à alteridade, por isso, este elemento é ímpar para que o

poeta vence a sua imagem narcísica para caminhar em direção ao outro. O ato de ultrapassar o espelho, ou melhor, os medos trazidos por se embrenhar no desconhecido podem ser atribuídos ao erotismo dos corpos – no caso do jovem de António Botto -, uma vez que “[...] o homem pode superar o que o apavora enfrentando-o. É esse preço que ele paga para escapar do estranho desconhecimento que tem de si mesmo [...]” (BATAILLE, 2004, p. 12).

Neste caso, o desejo por se conhecer, juntamente com a admiração da beleza dos corpos masculinos e o erotismo que carregam, faz com que o eu lírico enfrente o seu temor, conheça o outro mais profundamente e, conseqüentemente, penetre em si com muito mais força.

Os homens transformaram a atividade sexual em uma atividade erótica, ao mesmo tempo em que o erotismo nos remete ao gozo erótico, ele guarda em si a sensação de dissolução do ser, um verdadeiro eco da morte que esta por trás de si. Para Bataille (2004, p. 21), “a reprodução [o sexo] coloca em jogo dois seres *descontínuos*”, ou seja, entre um ser e outro existe um abismo, uma particularidade – são únicos - que os torna descontínuos.

Esse abismo, que nos separa enquanto elementos particulares e únicos, é tão profundo que não há maneira de suprimi-lo, ele nos fascina. E de acordo com Georges Bataille (2004), esse abismo é a morte, que ao mesmo tempo é vertiginosa e fascinante. E porque a morte está relacionada ao sexo, ao erotismo? Porque, segundo o autor, ambos levam o ser humano mais próximo à continuidade perdida.

Existem dois momentos essenciais nos quais nos aproximamos da continuidade, a uma não-particularidade, no sexo, no qual compartilhamos sensação e nos unimos em um esforço comum de satisfação e na morte, momento no qual deixamos de sermos particulares e passamos a um plano de igualdade – devemos, portanto, considerar que a morte não é a continuidade, mas uma manifestação dela. Este autor nos apresenta o fato de que no momento da nossa criação deixamos a descontinuidade, passamos a continuidade e depois retornamos a descontínuo. Isso é explicável, uma vez que o óvulo e o espermatozóide são elementos descontínuos e particulares, que no momento da união se tornam contínuos, se unem no esforço de produção de um novo ser. Neste processo de união, a morte também se faz presente, pois os dois seres que se uniram, no momento da união deixam de existir no intuito de dar a vida ao ser nascente. Na morte do óvulo e do espermatozóide existe uma dissolução, que aponta para a continuidade (BATAILLE, 2004).

O feto que a mãe carrega dentro de si, ainda é um ser contínuo, pois ao se encontrar dentro do ventre materno ele é totalmente dependente de outro ser. Somente no momento do nascimento, da ruptura do cordão umbilical, a continuidade é cortada. O ato do corte do cordão, responsável pela mãe gerar e dar vida a um novo ser, é a introdução deste sujeito na descontinuidade. O novo ser criado é descontínuo, entretanto, traz em si a continuidade, que foi a fusão mortal de seres distintos.

A nossa vida é marcada, portanto, por passagens do contínuo ao descontínuo e do descontínuo ao contínuo. “Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente em uma aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida”. Tal fato ocorre porque “[...] Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração deste perecível [a vida], temos a obsessão por uma continuidade primeira que nos religa geralmente ao ser” (BATAILLE, 2004, p. 25 – 26) Esta forma de nostalgia comanda entre nós, seres humanos, três formas de erotismo, a

saber: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado – nos detemos, neste estudo, nas duas primeiras formas de erotismo, uma vez que são necessárias para o entendimento da importância dos corpos amados para a criação poética em *Adolescente*. “O que está sempre em questão [nas três formas de erotismo] é a substituição do isolamento do ser, a substituição da sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda” (BATAILLE, 2004, p. 26)

Bataille (2004, p. 27 - 28) aponta que toda atividade do erotismo objetiva atingir o ser em seu ponto mais íntimo, no qual este perde todas suas forças. Fato que implica que “A passagem do estado normal ao desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua”. Existem experiências pelas quais passamos em nossa vida que nos permitem, por alguns instantes, nos aproximarmos minimamente da continuidade – obviamente, sem a necessidade da morte – elas se dão no gozo erótico, pois, neste momento dois seres se unem e reproduzem uma aproximação e conjugação que aparentemente são completas. Este ato é considerado também uma violência, uma vez que esta caracterizaria qualquer situação que retira o ser do estado de descontinuidade vital, isso acontece, como vimos, em dois casos, no gozo e na morte.

No erotismo a vida descontínua é colocada em questão, perturbada e incomodada. Há também a busca pela continuidade, porém somente se esta “continuidade que sozinha estabeleceria definitivamente a morte dos seres descontínuos não predominar” (BATAILLE, 2004, p. 32). O erotismo dos corpos é extremamente violento, pois disfarça a descontinuidade individual. Por outro lado, o erotismo do coração possui maior liberdade. Este, aparentemente se separa da materialidade corporal, porém dela procede, uma vez que é um de seus aspectos que recebeu estabilidade como resultado da afeição mútua dos amantes.

“A paixão nos leva ao sofrimento” (BATAILLE, 2004, p. 33). Para explicar esta afirmação, devemos que considerar que, enquanto seres humanos dotados de paixões, percebemos no ser amado um sentimento de continuidade. Sofremos porque a paixão é a busca do impossível, da continuidade.

O erotismo deve ser considerado como um aspecto interior do homem, pois ele busca de maneira incessante fora de nós um objeto de desejo. A escolha deste objeto depende de gostos e escolhas pessoais, “o que está em jogo é frequentemente um aspecto inapreensível, [...], que se não tivesse uma repercussão em nosso interior, talvez não suscitasse preferência” (BATAILLE, 2004, p. 45). Na base do erotismo, temos a experiência de uma explosão violenta, responsável por desencadear a convulsão erótica, que libera os órgãos sexuais, dos quais os jogos ultrapassam qualquer limite anteriormente pensado. O ato sexual desencadeia uma brutalidade que não é possível de ser controlada pela razão, o que culmina desse ato é a busca do rompimento entre os corpos e a alegria final.

Pela posição de um objeto de desejo, o erotismo se exprime e, muitas vezes, a excitação é provocada por um elemento objetivo de aspiração. No caso humano, o olfato, a audição, a visão e até o paladar percebem esses sinais objetivos que os corpos revelam. Tais sinais possuem um intenso valor erótico. Vale ressaltar que o objeto de desejo e o erotismo não são a mesma coisa, na verdade, o erotismo passa por tal objeto (BATAILLE, 2004).

No entanto, a vida sexual humana pede que haja uma procura, ou seja, um dos envolvidos no sexo deve procurar o seu parceiro. Um dos seres tem iniciativa na busca de seu companheiro, que teve, inegavelmente, o poder de provocar o desejo. Aquele que é procurado, em sua atitude passiva, suscita o desejo, se propõe enquanto objeto ao desejo agressivo do outro. Um corpo, com seus atrativos, se expõe às aspirações dos amantes e, para que este seja entregue, há condições a serem satisfeitas, quando isso ocorre, ele sempre se dá enquanto objeto. Transpondo essas últimas considerações para os poemas de Antônio Botto, vislumbraremos que o jogo de sedução ao qual os amantes estão submetidos é uma condição básica para o se entregar dos corpos.

Os corpos admirados pelo adolescente lhe figuram como altamente atraentes, ele os descreve de maneira sensual, por esse motivo, através da descrição transparece todo o desejo suscitado naquele momento. Dos sentidos utilizados pelo poeta para traduzir o erotismo exalado pelos corpos que admira, a visão tem espaço privilegiado, uma vez que ele descreve cada parte, cada elemento no corpo do outro que lhe causa desejo, porém há poemas que se apresentam como uma verdadeira festa dos sentidos, através dos quais o desejo é provocado. A conquista, no jogo do amor empreendido pelo sujeito poético, é apenas uma questão de tempo. Podemos observar o erotismo que causa desejo no eu lírico e o jogo de sedução, empreendido por este, nas seguintes passagens do poema “13”:

Anda, vem... porque te negas,  
Carne morena, tôda perfume?  
Porque te calas,  
Porque esmoreces,  
Bôca vermelha – rosa de lume?

Se a luz do dia  
Te cobre de pêjo,  
Esperemos a noite presos num beijo.

Dá-me o infinito gôzo  
De contigo adormecer  
Devagarinho, sentindo  
O aroma e o calor  
Da tua carne, meu amor!

E ouve, mancebo alado:  
Entrega-te, sê contente!  
- Nem todo o prazer  
Tem vileza ou tem pecado!

Anda vem!... Dá-me teu corpo

Em troca dos meus desejos...  
Tenho saudades da vida!  
Tenho sede dos teus beijos!  
(BOTTO, 1941, p. 26 - 27).

Nestas estrofes, nos deparamos com a expressão de um jogo de sedução, no qual o eu-lírico, admirador do corpo do Outro, busca conquistá-lo, para nele/ com ele se deleitar.

A sedução é vislumbrada principalmente no primeiro verso, no qual o adolescente busca o corpo desejado, convidando-o a se lhe entregar “Anda vem...”. Na passagem “Porque te negas,” podemos inferir que há condições a serem satisfeitas para que o corpo amado se entregue, uma delas pode ser um maior galanteio, para que ouça o exaltar os traços de sua beleza que se mostram como atrativos (BOTTO, 1941, p. 26).

O que acontece durante o restante da composição lírica nada mais é que a apresentação do corpo desejado, dos elementos que tornam tal substância física tão cobiçada, apresentando assim as características que atraíram ao adolescente com tanto furor, tais quais “Carne morena, tôda perfume?” ou “Bôca vermelha, rosa de lume?”, ou ainda, “Mancebo alado”. Atributos estes que despertaram o desejo de conquista, como um verdadeiro desafio, no qual o prêmio será o “mancebo alado” ceder aos desejos do sujeito poético (BOTTO, 1941, p. 26). A apresentação dos elementos que atraem o jovem caminha ao lado do processo de sedução, no qual ele tanto se empenha.

O objeto oferecido à procura do adolescente se esquia no decorrer do poema, tal gesto apenas acentua seu valor enquanto elemento aspirado. A beleza observada pelo sujeito poético no corpo do amante só permitiu um enfeite, salientar o valor erótico que perpassa a tal indivíduo.

Os sentidos se confundem em meio à grande efusão erótica. Para Georges Bataille (2004), os sentidos seriam a forma de se objetivar o erotismo que passa pelos traços corpóreos do indivíduo aspirado. Sendo assim, no poema “13” elementos como o cheiro “Carne morena, tôda perfume?”, o paladar “Tenho sede dos teus beijos!” e a visão que proporcionam admiração do corpo “mancebo alado”, conseguem traduzir minimamente o erotismo e a conseqüente vontade de se lançar em um mergulho, que proporcionará um prazer sublime ao eu lírico (BOTTO, 1941, p. 26).

A beleza é mais um atributo que não pode ser esquecido ao falarmos de erotismo. A beleza possui um papel fundamental no erotismo, uma vez que ela traz à tona elementos que são importantes para a vida sexual dos animais e dos homens. A qualidade do belo é altamente subjetiva e varia de acordo com a inclinação daqueles que a apreciam. Sendo que, “na apreciação da beleza humana, deve estar em jogo a resposta dada ao ideal da espécie. Esse ideal varia (...). [mesmo assim] A margem de interpretação pessoal não é tão grande” (BATAILLE, 2004, p. 223 - 224). São apontados por Georges Bataille (2004) alguns elementos que atuam na apreciação da beleza, tanto animal quanto humana, dentre eles há a juventude, uma vez que consigo traz a jovialidade, a imaturidade, o encanto, o querer descobrir-se.

Os seres humanos são julgados bonitos de acordo com o afastamento de suas formas da animalidade. O valor erótico humano estaria ligado diretamente ao desaparecimento das formas animais, paradoxalmente a isso, a imagem humana não provocaria desejo se não anunciasse, ou

revelasse um aspecto animal, que seria as “partes pudentas”, as “partes peludas”, ou seja, os órgãos sexuais. Desta forma, a beleza que nega a animalidade, que desperta o desejo nos homens, chega ao auge, exatamente na exaltação das partes animais (BATAILLE, 2004).

A beleza, grande parte das vezes, proporciona a possessão, que ocorre pelo encontro dos corpos que se desejam, conseqüentemente, existe uma introdução da sujeira animal. “Ela [a beleza] é desejada para ser sujada”, exatamente por haver, por parte de nós humanos, uma alegria por profaná-la (BATAILLE, 2004, p. 226). Georges Bataille (2004) assinala que a atração de um rosto belo ou uma roupa dotada de beleza atua na medida em que esse belo rosto anuncia o que a roupa dissimula. Através desta atração profanamos esse rosto e sua beleza. O autor ainda aponta que no ato sexual, após a introdução do pênis, há uma inegável feiúra e tal fealdade provoca nos seres humanos uma forma de angústia. E quanto maior e mais intensa for a angústia, mais forte é a consciência dos parceiros de exceder os limites, que determina, por sua vez um êxtase de alegria.

A beleza importa em alto grau no que toca ao fato de a feiúra não poder ser sujada, e que a essência do erotismo é a sujeira. A humanidade, significativa da interdição, é transgredida no erotismo. Ela é transgredida, profanada sujada. Quanto maior a beleza, mais profunda é a sujeira. (BATAILLE, 2004, p. 229)

Ao relacionarmos os apontamentos de Georges Bataille (2004) aos corpos amados pelo adolescente de Antônio Botto, traremos informações que corroboram o que é postulado pelo filósofo.

Ao empreendermos uma leitura primeira do livro *Adolescente* notamos que os corpos dos amantes são a todo o momento apresentados como sublimes, magníficos, descritos em suas minúcias. Fernando Pessoa (1980) já havia apontado que o ideal estético helênico de beleza foi executado com maestria por Antônio Botto, uma vez que esse autor, perante a imperfeição da vida, canta os elementos de maneira que fiquem perfeitos, belos, sejam de alguma maneira sublimados.

Devemos considerar que para Botto, a beleza deveria ser cantada de maneira a fazer com que transpareça a perfeição. Sendo assim, elementos como a jovialidade, a inocência e, principalmente, as formas viris dos homens são destacadas.

A grande maioria dos poemas possui descrições, adjetivações e associações que contribuem substancialmente para que o leitor possa entrever, quase que tocar no corpo descrito. A descrição dos corpos sensuais amados, como também dos jogos de conquista que o eu lírico empreende é, senão o mais importante, o principal elemento no tocante à lírica de *Adolescente*.

Há descrições do corpo do amante que denunciam o erotismo e o desejo de possuir que perpassa o sujeito poético, como veremos nas seguintes passagens: poema “1” “Teu viril corpo trigueiro” (BOTTO, 1941, p. 11), poema “2” “O teu copo gracioso” (BOTTO, 1941, p. 13), poema “5” “seu corpo doirado” (BOTTO, 1941, p. 17), poema “11” “-Esta carne que me lembrava/ Laivos de luz outonal,” (BOTTO, 1941, p. 25), poema “13” “Bôca vermelha – rosa de lume” (BOTTO, 1941, p.

26), poema “18” “A noite cai nos teus olhos,/ De um verde malicioso” (BOTTO, 1941, p. 31), poema “24” “Profeta dos olhos negros,/ Hás-de ser meu esta noite” (BOTTO, 1941, p. 39).

A jovialidade é apresentada pelo adolescente em chamadas ardentes de desejo e paixão, como um elemento possuído por aqueles que têm a beleza. Para ele, ser belo implica em ser jovem, em ter uma carne tenra e macia, a qual possua o sabor da idade do descobrimento. Outros adjetivos e descrições que aparecerem ligados a jovialidade são utilizados para destacar ainda mais o traço erótico que atrai o sujeito poético como um verdadeiro ímã para o caminho do sexo e do gozo: A atração do eu lírico diante de um corpo jovem apreciado, pode ser exemplificada com a seguinte estrofe do poema “10”:

A beleza-  
Sempre foi  
Um motivo secundário  
No corpo que nós amamos;  
A beleza não existe  
E quando existe não dura.  
A beleza -  
Não é mais do que o desejo  
Fremente que nos sacode...  
- O resto, é literatura.

Conheço bem os teus nervos;  
Deixaram nódoas de lume  
Na minha carne trigueira;  
- Esta carne que lembrava  
Laivos de luz outonal,  
Doirada, sem consistência,  
A aproximar-se do fim...

Eu já conheço o teu sexo,  
Tu já gostaste de mim!

A frescura do teu beijo  
E o poder do teu abraço  
- Tudo isso eu devassei...

Não é ciúme o que eu tenho  
Mas quando te vi com ela  
- Sem que me vissem, chorei...  
(BOTTO, 1941, p. 25).

A terceira e quarta estrofes representam, além do amor que existiu entre os corpos e a afirmação de que se entregaram um ao outro em troca da satisfação mútua, a simples oração “A frescura do teu beijo”, denota uma qualidade cantada pelo eu lírico, por isso de grande importância, que remete a um traço de jovialidade que é expresso pelo beijo.

O leitor é a figura principal para decifrar o sentimento e os desejos do adolescente perante os corpos desejados. Somente diante dos olhos do interlocutor, os silêncios que se entranham na poesia bottiana, marcada pela sugestão, podem ser, em um traço mínimo, decifrados. Sendo assim, o interlocutor poderá observar que todas as fases do adolescente são marcadas por sua relação com o Outro e, se tratando da descoberta sexual, pela relação com os corpos desejados, pelo erotismo que seduz.

### **Considerações finais:**

A ideia principal que perpassa *Adolescente* é inegavelmente a busca do jovem por se conhecer. Ao contrário da civilização grega, na qual os jovens eram educados para a guerra, para a poesia e, principalmente, para o amor e o sexo, na sociedade moderna a instrução voltada para os modos de se comportar diante dos amados e de fazer amor não mais existe. Há uma sociedade falsamente puritana que silencia os conhecimentos acerca dos mistérios de amar. Desta forma, os jovens têm uma maneira de se lançarem em busca do descobrimento dos prazeres carnis, que é vivenciando-os.

A partir destas considerações, podemos apontar que o adolescente de António Botto se lança em busca do amor e se depara com o prazer. Neste caminho por ele percorrido, durante a ampla gama de poemas que tratam a respeito do seu ato de se conhecer, o eu lírico conhece o amor, o prazer, mas também a dor e o sofrimento. Ao se deparar com tais sentimentos, ele passa a se conhecer mais a fundo, aprende a lidar com variadas situações e, realmente, cresce. É um crescimento em busca do amor, mas o amor aos corpos, não mais o amor sem limites e arrebatador, e sim a paixão que pensa, reflete e sente a vida a partir do gozo que lhe levará ao momento mais sublime que a descontinuidade humana poderá alcançar.

O erotismo é também um dos principais elementos que perpassam os poemas do livro *Adolescente*, uma vez que possibilitou que o jovem quebrasse o espelho que tinha em frente de si e se lançasse ao desconhecido. A beleza que é retratada em toda obra é uma externalização ou mesmo uma objetivação desse erotismo avassalador que perpassa o sujeito poético.

A relação erótica é responsável também pelo ato de união entre os corpos daquele que ama e dos amados. Tal relação é importante na medida em que envolve todo um jogo de sedução, de perdas e vitórias que remetem diretamente à vida posterior a que o jovem maduro se deparará. A volúpia inegavelmente é buscada de maneira incessante através do amor aos corpos, esta muito contribuirá para a vida posterior deste adolescente, uma vez que o preparará para os bons e decepcionantes momentos que a vida proporciona a todos os seres humanos.

Os corpos presentes na obra de António Botto não se mostram limitados, ao contrário, permitem que o leitor tenha diferentes e múltiplas visões a seu respeito. Desta maneira evocamos Roland Barthes (2004, p: 269), na passagem em que ele diz que:

Ler é reencontrar – no nível do corpo, e não no da consciência – como aquilo foi escrito: é colocar-se na produção, não no produto; pode-se encetar esse movimento de coincidência, (...), revivendo com prazer a obra poética, quer de maneira mais moderna, retirando de si toda a espécie de censura e deixando ir no texto em todos os seus transbordamentos semânticos e simbólicos; nesse ponto, ler é verdadeiramente escrever: escrevo – ou reescrevo – o texto que leio, melhor e mais adiante do que o seu autor o fez.

O leitor terá o papel de destaque na análise e compreensão desta obra, uma vez que será o responsável por preencher as lacunas e silêncios que a ela são inerentes. O interlocutor dialogará com os corpos, com o erotismo e com a sensualidade que os poemas transparecem e perceberá a vivências e as experiências que se relacionam aos percalços do crescimento, do amadurecimento e, principalmente, ao conhecimento de si.

#### Referências Bibliográficas:

- BARTHES, Roland. *Aula*. 12ª ed. Tradução e posfácio de Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. tradução de Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- BOTTO, António. *As Canções de António Botto*. Lisboa: Oficinas Bertrand. (Irmãos) Ltda, 1941.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.
- CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. São Paulo: Ática: 1986.
- GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. 2ª ed. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- HERMES, Carolina Casarin da Fonseca “*Cada vida é um corpo a fecundar*”: *Os corpos amados na poesia de Helder Macedo*. Dissertação de mestrado em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 2008, p. 105.
- PESSOA, Fernando. António Botto e o ideal estético em Portugal. In: BOTTO, António. *As Canções de António Botto*. Lisboa: Oficinas Bertrand. (Irmãos) Ltda, 1941, p. 7 – 16.
- RÉGIO, José. *António Botto e o Amor*. seguido de críticos e criticados. Porto: Editora Brasília, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Duas palavras*. In: BOTTO, António. *As Canções de António Botto*. Lisboa: Oficinas Bertrand. (Irmãos) Ltda, 1941, p. 399 – 413.
- SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. 17ª ed. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2005.
- VALÉRY, Paul. *Variedades*. 3ª reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 2007.